

MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistadores: Márcia Victória Elísio Barbosa, Mariana A.A Silva, Rayssa R. Fleury, Samara Braga Jorge.

Entrevistadoa: Mãe Neide Ribeiro.

São Paulo/Ribeirão Preto - 14 de julho de 2023.

Duração: 1 hora e 12 minutos (horas e minutos)

Entrevista realizada na plataforma do Google Meet em formato on-line à distância.

As relações entre arte-vida-território no ensino da arte: Os saberes ancestrais e a transformação social a partir do Centro Cultural Orunmilá

Entrevistadores: Márcia Victória Elísio Barbosa, Mariana A.A Silva, Rayssa R. Fleury, Samara Braga Jorge.

Entrevistada: Mãe Neide Ribeiro.

As relações entre arte-vida-território no ensino da arte: Os saberes ancestrais e a transformação social a partir do Centro Cultural Orunmilá

História de Vida de Mãe Neide de Oyá:²

Infância e juventude: mudanças, acolhida na tradição Angola, iniciação na tradição Jeje.

Mãe Neide Ribeiro: Em primeiro lugar, eu quero reverenciar né, meus ancestrais por me dar condições de estar aqui hoje com saúde né, para a gente compartilhar um pouquinho, né? Da minha experiência de vida, e então vamos lá! Sou Ialorixá, Sacerdotisa Iorubana.

Mãe Neide Ribeiro: Meu nome realmente é Neide Ribeiro, mas sou mais conhecido como Oyá Neide, nasci em Jaboticabal.

Mãe Neide Ribeiro: Tenho 80 anos, eu vou fazer 81 anos. Nasci em Jaboticabal que é aqui perto de Ribeirão, passei um pouco da minha infância aqui, saí muito jovem, né? Sai de Jaboticabal muito jovem. Fui para São José do Rio Preto, né?

Mãe Neide Ribeiro: E passei um pouco da minha infância ali, né? Na época eu era Cristã, né, minha família é tanto do lado do meu pai como da minha mãe era um cristão e a gente era Católica

¹ O enfoque da entrevista foi na trajetória de vida de Mãe Neide, os caminhos percorridos, principais acontecimentos e pontos importantes até a chegada em Ribeirão Preto. O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala. Bem como os trechos utilizados durante o vídeo, que foram retirados do documentário “África Viva em ribeirão Preto”.

² A saber, os títulos atribuídos na transcrição, estão em concordância com o sumário do artigo. Trajetória de vida de Mãe Neide, detalhes importantes levantados por ela durante a entrevista.

Apostólica Romana praticante, e a gente frequentava as missas aos domingos todos os domingos, minha mãe frequentava a missa das sete, né? E eu frequentava a missa das dez, e por muitos anos, né?

Mãe Neide Ribeiro: Com 7 anos, eu comecei a ter problemas. Eu achei que era doença, minha mãe achava que era doença comecei a desmaiar, né? E aí ela procurou médicos e tudo mais começou com segundos, minutos, horas, e o dia todo, e aí ela foi procurar saber né? O que acontecia na parte médica, e eu não tinha problema de saúde.

Mãe Neide Ribeiro: E aí, sempre tem uma comadre “Ai Dona Maria, se eu fosse senhora procurava benzedor”, aí ela foi em busca, né? Foi em busca de saber né, o que era. E aí eles disseram que era espiritual, que não era material, que era espiritual. E assim ela foi passando, foi para o catecismo e eles: “Olha, é espiritual, mas não é da minha alçada”. Então quer dizer, naquela época.. se hoje já existe o preconceito, imagina naquela época, né?.

Mãe Neide Ribeiro: Aí ela saiu em busca de da minha socialidade foi para São Paulo para poder resolver esse problema espiritual medo de tudo, não saía na rua ficava em casa saía da minha mãe e tinha muito muito muito muito medo sabia o dia que ia me dar eu acordava dizia hoje vai me dar isso aí esse dia para mim era era terrível, né?

Mãe Neide Ribeiro: E principalmente naquela época não tinha televisão. E minha mãe, ela ouvia lá no rádio os tipos de programa e tinha um que chamava "Mundo Estranho".

Mãe Neide Ribeiro: E aí um dia eu ouvi contando uma triste história, que a pessoa desmaiava.

Mãe Neide Ribeiro: Que desmaiou o tempo todo o dia todo por 24 horas. E aí deram como morta e enterraram, e naquela época depois de três anos, eles foram desenterrar, e nesses três anos, ela tava de bruço, e eu ficava com isso na cabeça tinha medo, né, que eu não voltasse, tinha medo que ele então e aí eu me lembro, que eu fui no Candomblé de Angola, na época não sabia nem o que era né, porque eu desmaiava na rua, qualquer hora, toda hora, né? E aí eu fui, minha mãe me levou numa mulher de Angola e de repente, eles tocaram o tambor, deram bolonan, que eu também não tinha conhecimento.

Mãe Neide Ribeiro: E eu desmaiei, eu desmaiei.

Mãe Neide Ribeiro: E é, a mãe de santo me levou para o quarto de Santo, né? E ali eu fiquei permanecendo não sei por quanto tempo, e num dado momento eu acordei eu tava deitado numa esteira, coberta com lençol branco.

Mãe Neide Ribeiro: E eu tirei o lençol do rosto sentei, mas aí eu via dos lados, eu tinha medo até de abrir o olho, de ver o que estava acontecendo, né? E aí eu tremia, não sei se era de medo, qual que era a situação, e eu olhava dos lados e sentia mais pessoas deitada e coberta, né? E ela demorou demorou demorou demorou demais para poder chegar. Aí eu desesperada e falei: “Gente, morri e tô no céu”. [risadas].

Mãe Neide Ribeiro: Eu tinha uns 9 ou 10 anos, né? E aí num dado momento ela chegou né? Muito gentil, muito meiga, é uma pessoa muito maravilhosa, a mãe de santo com todo cuidado, conversou bastante comigo falando da minha filha, você não é doente é espiritual. Você é de orixá, eu entendi ela falou tudo bem ela falou mas você como você não é doente. A mãezinha vai ficar com você vai ficar aqui com a mãezinha sete dias e você vai ficar boa curada, aí eu fiquei quieta ouvi atentamente, aí virei para ver: “Olha, muito obrigado, eu agradeço muito, mas eu não vou poder ficar aqui sete dias. Ela: “Porque minha filha? Fica!”. Minha mãe não deixa eu dormir fora de casa. [risadas]

Mãe Neide Ribeiro: Louca para ir embora né, sair daqui! E aí ela rezou e bateu um *adjarin*³ na minha cabeça e eu dormi novamente.

Mãe Neide Ribeiro: Fiquei lá uma semana, e saí de lá paramentada, com Oyá, Iansã, virada em Iansã, paramentada com as roupas e tudo mais, fui para sala, deu nome deu nome orixá, deu o nome e tudo. Daí para frente eu sabia que tinha, mas eu achava que não entendia, eu achava que era o demônio, né? Porque tudo que na igreja até hoje né, tudo que não é dali, né, Que não é cristão, é do demônio.

Mãe Neide Ribeiro: Então aí eu permaneci por alguns uns tempos ali e aí o orixá cobrou, que não era a nação dela. Aí a minha mãe foi em busca, saber qual era a origem, o que era, como era. E aí ela acabou encontrando o meu avô de Santo, né, Seu Adalio de Yemanjá de Cachoeira, ali do lado dos Sal fêrricos, né? Recôncavo Baiano. E ela por acaso, encontrou com ele em São Paulo.

Mãe Neide Ribeiro: Por acaso ele tinha um filho, filho carnal, de um Candomblé na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, e aí eu fui para lá. Seu Acir Rodrigues de Queiroz, é conhecido por pai Cici, Iamatumilache, é o nome dele realmente, africano.

Mãe Neide Ribeiro: E aí eu fui pra lá, me iniciar lá, fiquei 3 meses. E aí eu fui para lá iniciar em três meses e três meses e aí depois vim embora para São Paulo, e tudo mais e tal, passou um tempo. Perdi a minha mãe. Perdi a minha mãe e a sorte é que eu já tinha aceitado já né? Essa eu tinha aceitado mesmo. Pelo que eu me lembro ela se dedicava totalmente, né? Não conhecia, não era dessa religião, mas foi em busca da da minha felicidade, né? E aceitou me aceitou. Nesse momento, eu já estava com 20 e poucos quando a mamãe faleceu eu tinha uns 26 anos, não uns 26/27 anos.

Sorte e axé nos caminhos: trabalho e conquistas

³ Adjá, Adjarin, Ajá, Àjà do (yoruba) é um instrumento sagrado e sem substituição nos rituais do Candomblé, é uma sineta de metal, feita em bronze ou metal dourado ou prateado. Utilizado pelos sacerdotes do Candomblé durante as festas públicas, acompanhando o toque e nas oferendas, com a finalidade de chamar os Orixás, ou provocar o transe.

Mãe Neide Ribeiro: E aí é.. eu fiquei.. eu aluguei uma casa né? Eu trabalhava né, trabalhei muito, trabalhava muito, eu aluguei uma casa, pagava aluguel, trabalhava de vendedora no bom retiro.. e..vendia roupas.

Mãe Neide Ribeiro: E ele era judeu, trabalhava com Judeu, e eles me ensinaram muito né e tinham assim, um carinho especial, porque sabia da minha vida, sabiam que eu não tinha os pais mais, e aprendi muito com ele, e ele me ajudou bastante. Porque, além de trabalhar na loja, ele sedia, sabe? As roupas, pois era atacado né? Então vendia-se muito, e ele fornecia roupa pra mim vender né? Aí eu descobri que em Jaboticabal e Rio Preto, né? Que tinha dificuldade o pessoal, de roupa, aquela coisa toda, aí comecei a levar a roupa para lá e acabei virando “Entremista”.

Mãe Neide Ribeiro: Gostava né, de arte, né? Tinha noção, mas não tinha curso, nada, mas aprendi a lidar né? Aí comecei a fazer também de sábado, domingo, para poder o orçamento melhorar, o orçamento, aquela coisa toda e tal. E aí a minha vida foi indo, foi, foi e tal, e meu pai tanto me chamou numa ocasião e falou que o meu Orixá estava querendo um axé, plantar o axé. E aí eu fiquei.

Mãe Neide Ribeiro: Aí eu fiquei apavorada, de fazer isso né, primeiro porque não tenho casa, segundo, eu não vou fazer isso em casa alugada. Mas aí o senhor vê com Iansã, fala com ela, dá um jeito porque eu acho que ela é minha amiga, ela sabe da minha vida, ela vai aceitar, ela me deu condições depois eu me cobro. E aí foi passando o tempo.

Mãe Neide Ribeiro: Eu acabei juntando dinheiro, e apareceu uma oportunidade e eu comprei um apartamento.

Mãe Neide Ribeiro: e até lá em Santana mesmo a vontade da Pátria no local muito bom apartamento muito bom, né? E eu fiquei falando: “Nossa presente, né?”. É um presente que né, solteira um apartamento enorme, apartamento luxuoso bonito e aí falei ah, foi presente de Iansã.

Mãe Neide Ribeiro: Mas assim, outro dia eu falei ai eu vou, hoje eu vou jogar! Saí lá da loja, passei rapidamente lá, porque eu tinha horário também, para ir pra escola né, pro colégio. E aí eu passei numa lotérica e fiz um jogo. Na época ela era uma loteria esportiva né? E eu, eu tava no meu irmão lá em Santana né, o Axé é dele, eu ficava lá nos fins de semana as vezes, eu ia pra lá, depois voltava pra trabalhar, e aquela coisa toda. Eu sei que levei 15 dias para poder conferir.

Mãe Neide Ribeiro: E aí quando eu me lembrei, eu passei lá o fim de semana, eu lembrei. Levei para casa, cheguei lá, falei para o meu cunhado se ele tinha o jornal da outra semana, da semana passada e que eu tinha ganho na loteria. Ele riu, ele riu de mim, sabe? Nossa, foi buscar o jornal e ele trouxe e eu fui conferir e olhei.

Mãe Neide Ribeiro: Eu não acreditei não, Ganhei, ganhei na loteria.

Mãe Neide Ribeiro: O interessante é que eu estava tranquila, igual a tua hora, que não me abalou, sabia que ia ter um monte de dinheiro. Então eu me conheci, eu falei: “acho que o dinheiro não, sabe, não vai mudar minha vida nunca.

Mãe Neide Ribeiro: Bom, aí conclusão. Paguei meu apartamento, né?

Mãe Neide Ribeiro: E na época tinha outras ideias. Eu queria conversar com o Iah e o dia que ela me cobrasse, né? Eu poderia, faria, né, de cumprir a minha palavra, mas só que eu queria casar com uma pessoa do Axé.

Mãe Neide Ribeiro: Queria levar a casa já tinha conseguido, né e ter condições, né de poder plantar o axé.

Mãe Neide Ribeiro: E nisso casei, né? Que minhas três filhas maravilhosas, que me acompanham até hoje, né.

Mãe Neide Ribeiro: Elas crianças lá em São Paulo, e de repente eu tava bem, meu marido também já estava ganhando mais ou menos, né? E eu já tinha um apartamento e tudo mais, e aí Iansã me cobrou, aí cobrou.

Uma casa para todos: plantar o axé em Ribeirão Preto:

Mãe Neide Ribeiro: Eu falei, “agora eu vou cumprir né?” Porque eu prometi, ela me deu tudo isso, e vejo que eu vou para Salvador. Vou plantar meu Axé lá em Salvador, mas o meu marido e a família dele eram de Ribeirão, e ele tinha mãe, eu tinha perdido a minha né? E aí a mãe dele pediu para que eu viesse para cá, para Ribeirão, eu vim, e eu falei “bom ele tem né? A mãe dele”. Não tinha chegado aqui em Ribeirão.

Mãe Neide Ribeiro: Ai eu procurando, olhando o jornal, aluguei uma casa tal, e comecei a procurar, e encontrei a chácara, porque a casa do meu pai lá no Rio de Janeiro é uma chácara muito grande. É, não era chácara, era um um local muito grande, onde ele conseguiu fazer o axé, uma casa enorme, com uma varanda enorme. Ele antes entrou no mato, de Oxum, que ele era de Oxum, né, e aí ela entrou e ficou um pau, e falou: “Eu quero aqui” então não tinha nada, era no meio do mato. E tinha uma estrada de ferro, tinha um rio, né? É muito grande e tal.

Mãe Neide Ribeiro: E foi lá. Quando eu fiz, quando eu iniciei, já estava mais povoado, né? Tal e eu me lembrei, e falei ai eu queria também uma chacára. Só tinha limão seco, mas tinha uma linha do trem, né? E tinha, e tem até hoje o rio, era os elementos que a gente respeitava, né e respeito até hoje. E eu achei bonito, não era nada bonito, era bem feio, mas isso, e era alto, né? E aí eu gostei de lá, “é aqui”! Ai eu fiz uns acará, que quer dizer bola de fogo, né? Comida de Oyá, né? Acarajé.

Mãe Neide Ribeiro: Aí do Acarajé no local, falei: “Ó minha mãe, aqui a senhora vai me dar”. Fui andando, andando, tinha uma cerca, eu parei lá na cerca, nessa cerca numa rua era lateral todinha, lá tinha uma rua, e aí e essa rua tinha 600 metros, eu parei na metade, e pensei que era até ali, porque tinha uma cerca, aí ele falou “não” ia ser no rio, eu fui presente de Iansã, não é possível!

Mãe Neide Ribeiro: Tá a rua não era asfaltada, aí reivindiquei, asfaltei aqui. Eu asfaltei tudo, e olhei e falei: “A rua é minha, eu vou botar nome na rua”! Aí minha rua chamou Orunmilá, “Somente o céu conhece o seu destino” é uma uma testemunha do destino. É aquele que conhece é... a gente do começo até o fim, né? E aí eu fiz, e tô aqui até hoje, né? Eu tô aqui até hoje, né? Já, foi lá na década de 80.

Mãe Neide Ribeiro: E depois logo em seguida, eu plantei meu Axé, depois de uns tempos via necessidade de fundar um Centro Cultural, um centro de cultura para poder dar condições, né da periferia se reconhecer e saber o valor, né?

Centro Cultural Orunmilá: paralelos entre arte, cultura Iorubana e política

Mãe Neide Ribeiro: E foi aí que eu fundei o Centro Cultural Orunmilá. Isso foi assim, uma forma de poder valorizar, né? Valorizar né, promover e combater o racismo. E então, tem várias atividades até hoje, várias atividades. Inclusive tem o Afoxé também, que Afoxé é um Candomblé de rua. É uma forma também de divulgar todo o nosso Axé e mostrar que o que eu realmente tenho valor, e quebrar um pouco dessa dessa forma de violência, né, contra a nossa tradição.

Mãe Neide Ribeiro: Isso é um dos carros chefe daqui do Centro Cultural, independente disso, eu tenho Estúdio de gravação, tem uma biblioteca temática, tenho várias, várias atividades, dança, dança Afro...

Renata, filha de Mãe Neide: “Aqui no Centro Cultural com a mãe Neide, e o pai Paulo nós participamos de todo o processo de criação de desenvolvimento aqui do Centro Cultural Orunmilá, que começou com a casa, de tradição de matriz africana que é “Egbè Asèé Imés Orùn”, e de lá pra cá eles entenderam que só a manifestação cultural da tradição não era o suficiente enquanto combate ao racismo e promoção de igualdade racial. E entendeu-se que havia a necessidade de criação do Centro Cultural Orunmilá, para que se desenvolvessem atividades voltadas à valorização da população negra.”⁴

Mãe Neide Ribeiro: De teatro e capoeira..

⁴ Fala retirada do documentário: “África Viva em Ribeirão Preto”. Disponível em: <https://youtu.be/WZ0Tystg3FY?si=jUddhwH3SsCMURU6>.

Mãe Neide Ribeiro: A forma que eu encontrei, de poder ajudar a sociedade, né? Estar a par, conhecer um pouco da nossa origem, e da nossa tradição, é.. e eu me vestia tradicional, sabe? Sempre vestia paramentada africana, as roupas Africanas.

Mãe Neide Ribeiro: Me filiei a partidos políticos, e aí discutia esse assunto, era uma forma das pessoas me olharem, né, os meus trajes de achar bonito, diferente.

Mãe Neide Ribeiro: Aí era oportunidade de dizer: “É Iorubana, e isso é assim, assim da tradição, é tradição Iorubana, é isso e tal, da África e tal. E daí eu entrava no Candomblé, entendeu? [risada] Então foi dessa forma que eu consegui ficar reconhecida.

Mãe Neide Ribeiro: E todo ano, é, eu participava politicamente independente do Centro Cultural, eu era ativista mesmo, ia pra rua defendia sabe?!

Mãe Neide Ribeiro: E eram oportunidades também, de poder fazer, reivindicar, né, por políticas públicas né, pro nosso povo. E foi dessa forma que eu fui me divulgando e divulgando Candomblé.

Mãe Neide Ribeiro: A feira do livro. Ele resolveu colocar a área de alimentação. E aí as ONG 's que eles convidaram né, falaram para que cada um fosse com as suas origens né, com as suas comidas típicas de cada. E aí eu aproveitei e topei a parada!

Mãe Neide Ribeiro: E aí na época era tudo piloto, né? Então eles fizeram um quadrado, e ali sem nada, só mesmo aparador, dentro uma piázinha, um fogão... tudo aberto, tudo aberto. E eu aproveitei para poder fazer ao vivo, né?

Mãe Neide Ribeiro: Então eu ia, batia o acarajé, já levava pronto, fritava, fazia aquela coisa toda, vatapá. E aí foi eu comecei a divulgar, e a dava mídia, né?

Mãe Neide Ribeiro: Então eu fui fazendo e divulgando “Isso é isso? Isso é isso”, né? “Acará, as negras africanas que iam pras feiras e vendiam isso”. E fui contando as histórias e falando, e dava mídia.

Mãe Neide Ribeiro: Nossa, assim foi, eu divulguei e fiquei conhecidíssima, tanto é que até hoje “tem vários acarajé por aí afora, mas eu vou querer o acarajé da mãe Neide”, então foi a forma que eu tive né, e descobrir como combate ao Racismo, né?

Mãe Neide Ribeiro: E acontece também que a forma de a gente poder dar mídia, aproveitar esses momentos e tudo mais, para desmistificar né? Que o Acará não é baiano, é africano, é uma comida africana. E é comida de orixá? É, mas é uma comida típica de lá, é aquilo que eles comem todo dia, e tudo mais, sabe? Então é uma forma da gente poder ir passando, e quebrando um pouco dessas ideias erradas, né?

Mãe Neide Ribeiro: Que outra coisa também. Sete mil anos tem a nossa tradição, Sete mil anos com toda essa perseguição, com toda essa violência contra essa nossa tradição. A gente está aqui hoje, metade da população, mais um, ninguém acabou com a gente, nem vai. [risadas].

Criação do Feriado da Consciência Negra em Ribeirão Preto:

Mãe Neide Ribeiro: Nós fechamos a rua, né? E eu consegui, nós conseguimos fazer o feriado aqui, sabe, então, conseguimos fazer o feriado em Ribeirão. Hoje não é mais, porque entrou uma prefeita depois, e tirou. Acredita?!⁵

Mãe Neide Ribeiro: E além desse no dia 20 né, do dia da imortalidade, né, “Joico” o dia da imortalidade de Zumbi.

Mãe Neide Ribeiro: É.. e a gente tem várias atrações, inclusive num desses dias, eu trouxe o Brown aqui, que o Brown⁶ é bem chegado aqui com a gente também, sabe?!

Mãe Neide Ribeiro: Sabe, as atrações, trouxemos ele para cá então, numa dessas festas, né? E é uma forma também de você divulgar, ele mesmo fala sabe? Então gente, ó, nós trabalhamos, trabalho de formiguinha, né? Mas conseguimos.

O Afoxé: Um carro-chefe e a luta contra o racismo estrutural

Mãe Neide Ribeiro: E hoje não temos mais o carnaval né, aqui, oficial, que nossa própria prefeita também acaba com o carnaval, mas nós continuamos com o Carro Chefe, né? Que é o Afoxé, né? Que antigamente a gente abria o carnaval, era oficial mesmo, abrir o carnaval de Ribeirão. E não tem mais, acho que a mais de oito anos, não, 10 anos, já que não tem carnaval, mais de 11 anos por aí.

Mãe Neide Ribeiro: Mas a gente continua desfilando né, indo para rua, fazendo cortejo, continuamos também, mas tudo por nossa conta, porque a gente precisa de um partido político para poder viver!

Mãe Neide Ribeiro: Mas eu, pra mim não importa muito o “p”né, eu gosto muito de pessoas né, mas nunca política me deixou sabe? Eu nunca botei sabe, nem um rótulo, nunca aceitei nada a não ser políticas públicas, entendeu? Porque nunca deixei de... eu... Nossa, a gente já foi muito assediado, muito, muito, nunca deixamos de viver, nós fazemos tudo por nossa conta.

Mãe Neide Ribeiro: E não temos assim, é, ajuda de nada nem de ninguém. Não sei como conseguimos, mas nós tocamos por nossa conta, temos livre acesso em abrir e falar o que quisermos, porque a gente já não é preso a ninguém nunca.

⁵ Por uma decisão do STF, o dia da Consciência Negra deixa de ser feriado em Ribeirão Preto em 2016.

⁶ Carlinhos Brown, cantor, compositor, percussionista

Mãe Neide Ribeiro: E existe o movimento né, o movimento movimento negro, ele colaborou muito, muito com isso, né? Porque tanto é, que hoje, esse tecido não é só negros, que eu usam, tá na moda, mas isso é porque é um trabalho, é um trabalho divulgar, de falar do movimento negro sabe, reivindicar!

Mãe Neide Ribeiro: E isso que foi dando condições de a gente poder chegar onde nós chegamos, né? E a mídia hoje, mostra muito, dá muita oportunidade de poder tá passando. E hoje, acho que a gente já avançou bastante, bastante sim.

Mãe Neide Ribeiro: Foi tudo muito difícil, a gente arromba, bate na porta, empurra sabe, não tem esse negócio de “Não se a gente não fizer isso, você não consegue”, nada foi fácil, porque cada não que eu recebi, me dava muito mais força, entendeu? Então nós somos muito corajosos. Nunca tivemos medo de nada, sempre enfrentando. Principalmente eu né, independente dessa luta que eu faço aqui no Centro Cultural, eu ia para a rua também sabe, militar sabe? E as oportunidades, falar dos negros, falava da minha origem sabe? Então foi um trabalho de formiguinha, mas que valeu a pena, ainda é muito pouco, não vai ficar só nisso não. Eu tô pronta ainda para dar para continuar!

Cultuar a natureza é cultuar os orixás: A força de um filha de Oyá

Mãe Neide Ribeiro: Uma outra coisa que eu me lembrei agora também, que é muito importante. É a natureza né?

Mãe Neide Ribeiro: A natureza. Porque a natureza é o que nós cultuamos, cada Orixá é representação da natureza, né? É a água, o trovão, a pedra, é o verde, é o mar, a cachoeira, e o homem perdeu a noção, né?

Mãe Neide Ribeiro: Achou que era dono da natureza, e a natureza se revoltou hoje. Isso tudo não são coincidências, é por eu ser essa, sabe, filha de Oyá, e Iansã é o vento, Iansã é a tempestade, sabe, é ela que move isso tudo, é o único orixá que pega a espada, né? E não tem medo de nada.

Mãe Neide Ribeiro: E isso assim, eu não tenho medo mesmo não, sempre enfrentei mesmo sabe, e sempre uma das coisas que é muito importante: “Eu sei, eu vou, eu faço, eu vou”, mas a gente nunca pode dizer: “Ai, será?”.

Mãe Neide Ribeiro: Não, eu sempre fui assim, sempre acreditei, a gente precisa acreditar, né? E eu sempre acreditei, desde criança, sabia que alguma coisa ia acontecer porque eu sempre fui preocupada com pessoas, sempre gostei de criança, as minhas crianças eram crianças, e cuidava de criança, sabe? Cuidavam de crianças, porque elas também, com esse trabalho social, elas também desciam né, para poder ajudar, e foi bem assim, sabe, é uma coisa... é muita coisa, né? [risadas].

Mãe Neide Ribeiro: Eu sou, assim, apaixonada pelo meu Orixá, eu tenho respeito tão grande, e tudo isso que aconteceu na minha vida, foi ela. Foi ela que deu essa família maravilhosa. Tenho minhas filhas maravilhosas, eu tenho uma família de axé maravilhoso.

Mãe Neide Ribeiro: O povo tem Ribeirão, eles frequentam o Centro Cultural Orunmilá, e não é do meu Axé, mas se perguntar lá fora, eles falam que é filho da mãe Neide. Todo mundo é filho da mãe Neide! [risadas].

Mãe Neide Ribeiro: Mas também, isso aí foi um trabalho, um trabalho, uma luta, e você.. hoje sou reconhecida por quê? Porque Fiz. Nem morei lá em Jaboticabal, foi muito pouco tempo, e sou homenageada, sou reconhecida, não lá, nacionalmente, desse “matinho” pequeno aqui onde eu vivo, nessa periferia, reconhecida nacional.

Mãe Neide Ribeiro: Então isso me engrandece, isso me deixa feliz, né? É, e encontrar com pessoas que cresceram aqui, criaram família, e poderiam estar num outro tipo de vida, né? Então isso tudo é, eu me sinto muito bem de encontrar famílias, né? “Oi mãe, esse é meu filho. Eu casei”, entendeu? Poderia estar perdido por aí fora né?

Mãe Neide Ribeiro: Então quer dizer isso, isso é um reconhecimento, que o reconhecimento, a riqueza que eu tenho é essa, né?!

Mãe Neide Ribeiro: É para mostrar a liberdade realmente, né? E borboleta é um símbolo de Iansã.

Mãe Neide Ribeiro: E existe uma cantiga, que se diz: “lava lava lava, ô, lava lava lava, ô, sou livre como uma borboleta”. [risadas].

Mãe Neide Ribeiro: Entendeu? Então, “Egbè ô Asèé Imés Orún”, “Mãe da Comunidade dos Nove Mundos” é o nome do meu axé.

Mãe Neide Ribeiro: O meu nome é “Oyámitan”, que quer dizer: “Esta é a minha história”.

Música e vídeo do documentário: “Pra tradição se preservar, as crianças vão cantar no embaloço, de Ijexá! Deusa da beleza, Oxum! É o poder feminino! Seu Templo Sagrado é em Oxum-Oxobô⁷, e aqui no Brasil, vamos tocar tambor em seu louvor! Pra tradição se preservar, as crianças vão cantar no embaloço de Ijexá!. "Ora iê iê ô", “Alodê, Orixá”, pra força das águas conservar, vai manter, vai cuidar, mãe do ventre puro amor, divindade Iorubá”.

⁷ Em Iorubá: Oṣun-Oṣogbo. É uma floresta sagrada às margens do rio Oxum que se encontra nos arredores da cidade de Oxobô, no estado de Oxum, Nigéria.